



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1414 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 13 - Educação Fundamental

**COTIDIANO DE UM PROFESSOR: CENAS, EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM DUQUE DE CAXIAS**

Antonio Silva de Araujo - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

Jacqueline de Fatima dos Santos Moraes - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**COTIDIANO DE UM PROFESSOR: CENAS, EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM DUQUE DE CAXIAS**

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado já concluída. Traz olhares de um professor do ensino fundamental para o cotidiano de uma escola pública de Duque de Caxias. São atribuídos sentidos ao vivido na escola em 2016, temporalidade definida na investigação. Ao atuar como professor do primeiro segmento do Ensino Fundamental, em uma turma do 4º ano de escolaridade, as inquietações vividas neste espaço educativo produziram questões traduzidas pela pergunta de investigação: diante das situações de normatização no espaço escolar, que rupturas criam estudantes e professores no cotidiano? Neste trabalho, a partir de uma cena vivida no chão da escola, são tecidas discussões sobre o cotidiano da escola, necessidade de potencialização das ações que acontecem na escola e sobre o reconhecimento do professor da escola básica como pesquisador e produtor de conhecimento. Refletir sobre o cotidiano da escola resultou na compreensão da indissociabilidade entre ser professor e fazer pesquisa.

Palavras-chave: Narrativas do cotidiano. Ensino Fundamental. Formação docente.

**COTIDIANO DE UM PROFESSOR: CENAS, EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM DUQUE DE CAXIAS**

O trabalho aqui apresentado é parte de uma pesquisa de mestrado já concluída. Traz um olhar para o cotidiano, atribuindo sentidos a diferentes situações vividas na qualidade de professor do ensino fundamental, em uma escola pública de Duque de Caxias. A gênese da pesquisa se deu no ano de 2016 quando, recém-concursado no município de Duque de Caxias/RJ, fui lotado em uma escola municipal. Atuava como professor do primeiro segmento do Ensino Fundamental, em uma turma do 4º ano de escolaridade. As inquietações vividas neste espaço educativo, podem ser traduzidas pela questão: diante das situações de normatização no espaço escolar, que rupturas criam estudantes e professores no cotidiano? Tal pergunta resultou na dissertação defendida no início de 2018.

A inserção na rede municipal de ensino de Duque de Caxias se deu concomitantemente com o meu ingresso no Mestrado em Educação. Assim, pude aliar as discussões que vinha construindo na universidade com a minha prática docente. A escolha dessa rede de ensino como *lócus* de pesquisa se deu pelo fato de sua reconhecida militância política. O Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE) congrega um segmento amplo da categoria nos movimentos de luta. Assim, a identidade docente neste município está fortemente vinculada ao sindicato.

Esta pesquisa me permitiu realizar leituras e discussões sobre o cotidiano escolar, sobre a necessidade de potencialização das ações que acontecem no "chão" da escola, sobre a luta pelo reconhecimento do professor da educação básica como pesquisador e como produtor de conhecimento. Refletir sobre o cotidiano da escola e assumir um compromisso político em sua defesa foi um movimento que iniciei, tomando considerações sobre professor e pesquisa como questões indissociáveis.

Garcia (2003) ao apresentar o conceito de "prática-teoria-prática", defende que se crie um movimento em que "partimos da prática, vamos à teoria a fim de a compreendermos e à prática retornamos com a teoria ressignificada, atualizada, recriada, dela nos valendo para melhor interferirmos na prática" (GARCIA, 2003, p. 12). As postulações da autora são contrárias às concepções mais conservadoras de pesquisa, uma vez que defende uma teoria que não vai interpretar as práticas, mas que poderá ser potencializadora de sua transformação. A autora defende teorias que ajudam a transformar o mundo e não apenas a interpretá-lo. Suas obras estão atravessadas por uma crença em uma prática transformadora, comprometida com os alunos das classes populares.

Como parte da investigação no mestrado, comecei a registrar situações que me atravessavam no cotidiano da escola. Ia construindo narrativas relacionadas desde uma situação ocorrida na sala de aula até mesmo a um acontecimento ou inquietação surgida durante uma assembleia promovida pelo SEPE. Essas narrativas iam compondo o meu "caderno de registros", em que eu escrevia situações relacionadas ao meu universo profissional. Marques (2010) discutindo obras de Madalena Freire, referência nas reflexões sobre a importância dos registros, afirma que "em suma, para Madalena Freire, registrar a prática significa estudar a aula, refletir sobre o trabalho e abrir-se ao processo de formação." (2010, p. 22). Essa premissa parte do princípio de um registro que coloca o educador como produtor de sua prática, para além da alienação de seu trabalho. Concebo como uma perspectiva contra hegemônica de pensar a atuação docente. Na medida em que o professor reflete sobre o seu cotidiano, vai atribuindo sentidos ao que faz, repensando suas ações, podendo transformá-las.

Esse movimento de pensar a prática e de viver a autoformação docente foi sendo construído em mim a partir dos registros escritos. Cada registro realizado conduzia a reflexões novas. Olhar para cada narrativa e pensar sobre elas, possibilitou-me refletir sobre minúcias do meu cotidiano profissional jamais pensadas. Diante de tantas narrativas instigantes, escolhi duas que mais me inquietavam, que se configuraram para mim como bastante emblemáticas, que me moveram a um processo de questionamentos. Trago neste trabalho uma cena e teço algumas

considerações.

## **CENA: UM, DOIS, TRÊS, SILÊNCIO!**

*Era mais uma aula... Os alunos falavam muito alto. Não sei ao certo do que tratavam. Poderia ser que estivessem falando sobre as brincadeiras que fazem na rua, sobre a novela infantil que assistiram, sobre muitas outras coisas. Eu, como um professor "comprometido com o ensinar", precisava falar com eles. Foi aí que contei: "UM, DOIS, TRÊS!" Todos abaixaram a cabeça e como em um piscar de olhos o silêncio pairou sobre aquela sala. Não se ouvia uma voz sequer. Um menino me questionou: "Professor, por que temos que abaixar a cabeça?" Eu lhe respondi: "É apenas uma estratégia para que todos façam silêncio. Nem eu mesmo sei quem criou isso. Quando eu era pequeno, minhas professoras também faziam. Acabei copiando" (Duque de Caxias, junho de 2016).*

A situação acima apresentada, convidou-me a pensar sobre vários aspectos que são vividos no cotidiano da escola, entre eles as estratégias de controle, as punições e as chamadas "regras de convivência" ou, como preferem alguns, "combinados de sala de aula". A ação de pedir aos alunos para que abaixassem a cabeça me levou a um movimento de reflexão sobre o que estaria por trás dessa ação. Por que eu via minhas professoras assim procedendo e acabei reproduzindo tal ação quando me tornei professor também? O que seria essa escola como uma instituição disciplinar, que objetiva controlar os corpos? Diante das estratégias de controle não existem rupturas, folgas, saídas?

Na cena apresentada, ao ser questionado por este aluno sobre o porquê de exigir que todos abaixassem a cabeça, inicialmente senti estranhamento. Em momento posterior, retomando a situação vivida, acabei por refletir sobre o que estava fazendo em minha prática, sobre a atitude que eu tomava frente ao comportamento dos estudantes. Refletindo sobre o ocorrido, desafiava-me a ser *pesquisador* de minha prática sem dicotomizar ensino e pesquisa, inspirado em Freire (1996), quando este afirma que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou atuar que se acrescente a de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 1996, p. 29).

A afirmação do autor remete a uma concepção de educação que concebe a legitimidade da escola como espaço de produção de pesquisa/conhecimento, e do professor como sujeito que a produz na relação com seu fazer pedagógico. Ao ser questionado por um aluno, em um posicionamento freireano de que os homens se educam entre si, acabei por refletir sobre a minha própria atuação. Aquela indagação foi capaz de me tirar do lugar comum, suscitando a reflexão. Não foi simples, mas foi um movimento necessário.

Alguns autores foram convidados para dialogar com a cena, na tentativa de sua compreensão e maior problematização. Além dos apresentados aqui, outros foram convidados como Certeau (2014), Foucault (2014) e diversas obras de Paulo Freire. A discussão se iniciou pesquisando o conceito de diálogo nas diferentes obras de Paulo Freire, como *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia*, *A importância do ato de ler* e *Educação como prática de liberdade*. Para o autor, o diálogo não se refere à comunicação feita de forma vertical entre os sujeitos. Paulo Freire concebe o diálogo em uma dimensão política, como aquele que irá propiciar aos sujeitos emancipação, desvelamento de mundo, conscientização crítica. Posso afirmar que na cena "Um, dois, três, silêncio!" o diálogo nessa perspectiva não ocorreu, mas as considerações do autor me fizeram pensar sobre minhas ações como educador. Hoje, ao olhar para a cena discutida, tomo a consciência de minha inconclusão como ser, ciente do meu constante processo de formação. É por isso que Freire (1996) defende que o professor se assuma politicamente como pesquisador que, consciente do seu inacabamento como ser, está em constante processo de busca, de reinvenção.

As discussões sobre a cena se deram em estreito diálogo com a literatura e com o cinema. Trata-se de uma tentativa de mostrar que as situações ocorridas não são isoladas, ou seja, restritas ao meu cotidiano, mas que eu as vivi enquanto aluno e que se materializam em diversos outros cotidianos escolares, inclusive podendo ser pensadas em obras de literatura e de cinema.

Ao falar sobre o disciplinamento dos corpos como forma de constituição de "corpos dóceis", Foucault (2014) afirma: "ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam" (2014, p. 134). O autor está se referindo ao corpo como objeto de poder. Foucault (2014) não está discutindo sobre uma mera apropriação do corpo da forma como ele é, mas de uma fabricação do corpo ideal, do corpo dócil, que poderá ser útil para determinado fim. Ao discutir sobre a escola como instituição disciplinar, o autor ajuda na compreensão da cena em que o pedido para que os alunos abaixassem a cabeça representava essa tentativa de controle. De cabeças baixas eles poderiam ser melhor observados, poderiam ser melhor examinados e até mesmo controlados. Mas será que diante dessa tentativa de controle não havia folgas, rupturas?

Certeau (2014) discute múltiplos *sentidos e usos* que tinham para os *praticantes* dos cotidianos. Ele apresenta o "homem ordinário", que é capaz de reinventar o cotidiano com suas astúcias. Recordo-me de que quando solicitava silêncio, muitos alunos continuavam conversando com olhares. Ao pedir para que todos abaixassem a cabeça e fizessem silêncio, não posso afirmar que eles se submetiam passivamente às minhas solicitações. Muitas vezes se comunicavam com os demais colegas com gestos e com expressões realizadas com a boca. Diante de uma imposição, que se fosse desobedecida resultaria em punição, as crianças criavam saídas como forma de subversão. Não deixavam de se comunicar, mas não falavam em voz alta. São as "maneiras de fazer", as "as mil práticas pelas quais usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural" (CERTEAU, 2014, p. 41). Essas "maneiras de fazer" são táticas construídas pelo sujeito ordinário, que pretende alterar as propostas de funcionamento de determinada estrutura.

Uma das memórias compartilhadas por Ramos (2011) em seu livro "Infância" possibilita analisar um contexto muito próximo da cena da pesquisa apresentada aqui, em que estão claras as tentativas de controle e de docilização dos corpos, mas que rupturas e "táticas de praticantes" também estão presentes, como ações em que os sujeitos ordinários buscam reinventar o seu cotidiano. Em uma de suas memórias, Ramos (2011) recorda que vendo a professora erguer a palmatória, precisaria comportar-se bem, "simular a atenção, molhar de saliva as páginas detestáveis." (RAMOS, 2011, p. 181). Essa fala apresenta alguns elementos que podem ser relacionados à discussão da cena apresentada neste texto. A palmatória representava um "instrumento de coerção", que geraria pavor nos discentes por conta de seu poder agressivo e opressor. Tal sentimento foi expressado nas palavras de Ramos (2011), que relata essa fase de sua infância com muita mágoa, carregado de sentimentos negativos em relação à Maria do O, professora que ele considerava como rude.

Quando Ramos (2011) afirma que precisava se comportar bem na escola da professora Maria do O, a reflexão sobre o que é bom comportamento para a escola pode ser suscitada. Quando os alunos são ordenados a abaixarem a cabeça e a fazerem silêncio, uma disposição do que seria um bom comportamento para mim e para a escola está implícita. Seria uma tentativa de controle em que Foucault (2014) coloca os corpos como aqueles que devem ser disciplinados para que se tornem dóceis e melhor utilizáveis. O detentor de um "bom comportamento" seria aquele que se "sujeitasse" às regras, que se apresentasse na condição de um corpo que sofreu uma coação calculada, uma manipulação de seus gestos, de seus comportamentos.

Na narrativa do autor, ao falar sobre sua prima Adelaide, que estudava na mesma sala que ele, e sobre o sofrimento que ela passara naquela escola, afirma: "não fosse a garota badalar, pedir aos pais que a retirassem daquele inferno. Não pedia. Talvez até ignorasse que estava nele." (RAMOS, 2011, p. 183). Esta última expressão, "ignorasse que estava nele", pode revelar uma espécie de fuga, de tática do homem ordinário, que, mesmo diante de uma relação de poder, encontra brechas para rupturas com o que está estabelecido. Isso pode ser percebido no questionamento do aluno na cena em discussão: "Professor, por que temos que abaixar a cabeça?" Questionar, mesmo diante de uma situação que parecia tão comum na escola, acabou sendo uma forma de contestação reveladora da astúcia do "fraco". Motta (2011) afirma que "Certeau chama a atenção para os processos antidisciplinares, ou seja, as práticas dos sujeitos comuns que podem rearranjar o que fora imposto ao cotidiano pela racionalidade técnica" (2011, p. 163). Através de astúcias, os sujeitos podem acabar recontextualizando elementos estabelecidos pelo poder que disciplina. Quando Adelaide, mesmo sofrendo na sala da professora Maria do O, poderia ignorar que estava naquele espaço, estaria apresentando uma tática de resistência. Ao ignorar sua existência naquele ambiente de opressão, poderia estar encontrando uma forma de lhe resistir, negando a própria realidade dos acontecimentos.

## Considerações finais

A discussão da cena "Um, dois, três, silêncio!" que compõe a dissertação não teve como objetivo apresentar respostas prontas às inquietações que foram levantadas a partir delas, mas de construir um movimento reflexivo que fosse capaz de olhar para cada narrativa na complexidade, pensando questões que ajudassem a compreender a riqueza dessas situações. As análises dessas narrativas ajudaram-me a pensar na importância de viver a auto formação docente, de me constituir e de me reconhecer como pesquisador de minha própria prática.

O trabalho com pesquisa no cotidiano fez-me repensar o que as narrativas apresentadas no caderno de registro acabaram produzindo em mim. Acabei por construir um movimento de resignificação pessoal/profissional, olhando para o meu cotidiano, estranhando-o, refletindo sobre o que para mim não passavam de trivialidades. A narrativa que apresentei como cena neste texto, assim como outras que compõem o caderno de registros, agem num movimento contra hegemônico que legitima as vozes da escola. Serpa (2011) afirma que:

Quando assumimos nosso lugar de narradores e não permitimos que apenas os "outros" nos narrem, deixamos de ser os personagens – bárbaros, lascivos, preguiçosos – da narrativa dos vencedores, para refletir sobre a nossa própria história. Para estes, nossas histórias, são apenas "historinhas", como somos apenas "professorinhas", "gentinha", "povinho". Mas quando assumimos nosso lugar de narradores, quando assumimos nosso direito a palavra e tiramos das sombras em que foram atiradas, as nossas histórias, percebemos quantas professoras existem tecendo com seus alunos, com suas mães, com suas companheiras, outras realidades possíveis, realidades onde somos "gente" onde somos um "povo". ( p. 02).

Para a autora, assumir o lugar de narradores é abandonar os rótulos preconceituosos que nos são atribuídos pelos que contam a história sob a perspectiva dos vencedores. Serpa (2011) afirma que contar história é compartilhar experiências, em que se pode construir um movimento de olhar para si próprio e de olhar para o mundo. Serpa (2010) defende o olhar para aquilo que é considerado menor, como "lixo". Nessa perspectiva, objetivei construir um movimento de olhar para aquilo que outrora eu não considerava relevante. A cena "Um, dois, três, silêncio!" reflete uma situação vivida por mim e que levou-me a pensar sobre a riqueza que o mais "comum" pode apresentar.

Viver esse cotidiano como um espaço de constante formação me permitiu compreender que sou pesquisador ciente de que sempre irei conviver com "limites" e "possibilidades". A beleza do processo de escrita da dissertação foi tomar consciência de minha inconclusão, assumindo o compromisso político e epistemológico de que a formação deve ser constante. Pensar a prática na busca por sua recriação e resignificação é um exercício que não quero que esteja distante de minha vida de educador. A construção dessa pesquisa, que ainda está em movimento, é mais um passo do caminho de um educador que deseja viver num constante refletir.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Regina Leite. (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. DP&A, 2003.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes. *A construção de práticas de registro e documentação no cotidiano do trabalho pedagógico da educação infantil*. 2010. 390 f. Tese (Doutorado em Educação. Área de concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MOTTA, Flávia Miller Naethe. De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 37, n. 1, 220 p. 157-173, jan/abr, 2011.

RAMOS, Graciliano. *Infância (Memórias)*. 46ª ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SERPA, Andréa. *Conversas: caminhos da pesquisa com o cotidiano*. Texto integrante da tese de doutorado: Quem são os outros na/da

avaliação. Novembro de 2010. Disponível em:

<<http://www.andreaserpauff.com.br/arquivos/artigos/CONVERSAS%20CAMINHOS%20DA%20PESQUISA%20COM%20O%20COTIDIANO.pdf>>.

Acesso em: 12 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Pesquisa com o cotidiano: desafios e perspectivas. In: LINHARES, C; GARCIA, R; CORRÊA, C.H. *Cotidiano e formação de professores*. Brasília: Liber Livro. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.